

A PRÉ-HISTÓRIA DE GRAMSCI NO BRASIL (1927-1974)*



Lincoln Secco**

A pesquisa sobre a recepção da obra e das idéias do pensador italiano Antonio Gramsci (1892-1937) constitui uma nova área de avanço do seu conhecimento. Todavia, poucas são as investigações acadêmicas sobre o assunto e, praticamente, ainda não há livros de maior profundidade analítica sobre o tema.

O pioneiro estudo de José Aricó,¹ que recompõe o itinerário de Gramsci na América Latina, guarda uma pronunciada presença pessoal no texto e tem lacunas significativas, em que pese a importância da obra. Recentemente, Eric Hobsbawm lançou uma antologia sobre a recepção de Gramsci em diversos países.² São textos curtos e introdutórios. A notável exceção entre todos esses estudos é um livro de Guido Liguori, que resume, e muito bem, toda a trajetória das disputas sobre o legado gramsciano na Itália.³

No Brasil, deve se destacar parte da obra de Carlos Nelson Coutinho, que escreveu artigos sobre a questão, além de ter sido um dos principais personagens da recepção de Gramsci em nosso país. Há alguns artigos e um ou outro livro que fizeram referências à recepção brasileira de Gramsci, geralmente voltados para alguma área específica de sua discussão acadêmica, sem uma visão de conjunto.⁴ Um estudo mexicano sobre a questão ainda é muito embrionário.⁵ Há referências também a El Salvador,⁶ bastante fragmentárias.

No caso latino-americano, talvez com a exceção da Argentina, a recepção da obra de Gramsci é tardia. Data dos anos 70. Por isso, este artigo não pretende esboçar o processo de recepção da obra de Gramsci entre nós outros, brasileiros. Nem

mesmo discutir conteúdos do pensamento de Antonio Gramsci. Mais modesto é o empreendimento do historiador. Cabe-lhe apresentar algumas referências empíricas e, se possível, propor alguns problemas para outros estudiosos do tema. Por isso, e pela série temporal escolhida para o texto, esta é apenas uma pré-história da recepção gramsciana brasileira, à falta de outra melhor classificação.

PRIMEIRAS REFERÊNCIAS

As primeiras referências a Gramsci no Brasil não vieram do Partido Comunista do Brasil (PCB), mas de socialistas, trotskistas e de outros antifascistas. É verdade que, nos anos 20, os comunistas brasileiros travaram contato com os comunistas italianos. Numa carta de Rodolpho Coutinho dirigida a Astrojildo Pereira, em 1924,⁷ então secretário-geral do PCB, fez-se uma alusão a Germanetto e Terracini,⁸ dois membros do PCI. Nesse mesmo ano, o PCB publicou um apelo aos trabalhadores italianos do Brasil, que terminava com a saudação: "Pelo Partido Comunista da Itália-U. Terracini".⁹ O jornal sindical *Voz Cosmopolita* editou uma carta da Itália, em 1925, com muitas informações sobre a tática política do PCI no parlamento, quando Gramsci já era deputado.¹⁰ No mesmo ano apareceu o artigo "A vanguarda do proletariado italiano", com referências ao operariado de Turim, onde Gramsci fora liderança do PSI local. É provável que o nome de Gramsci fosse do conhecimento de alguns comunistas brasileiros ainda nos anos 20. Entretanto, depois de 1926, Gramsci era apenas o ex-secretário-geral do PCI e sua figura ainda não havia sido *autorizada* pelo Comintern, permanecendo pouco conhecido até depois da Segunda Guerra Mundial entre a maior parte dos comunistas.

No campo da oposição socialista antifascista abrigada no Brasil, Gramsci também era praticamente desconhecido. Os socialistas italianos

* Este artigo é um resumo dos capítulos 2 e 3 da dissertação de mestrado *A recepção das idéias de Gramsci no Brasil*, São Paulo, Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Departamento de História, 1998. A dissertação foi financiada pelo CNPq.

** Doutorando em História na Universidade de São Paulo.

<https://doi.org/10.36311/0102-5864.15.v0n32.1896>

associavam, amiúde, o fascismo e o comunismo como regimes igualmente totalitários, e essa associação cresceu depois que a Internacional Comunista passou a atacar os sociais-democratas de forma mais violenta, principalmente após o IX Pleno do Comitê Executivo da IC, em fevereiro de 1928. Por essa razão, seria de esperar que os socialistas italianos radicados no Brasil dessem mais importância aos democratas perseguidos pelo fascismo, do que aos comunistas.

De fato, a trajetória do jornal *La Difesa*, órgão dos socialistas em São Paulo, mostra o espaço enorme dado ao assassinato de Matteotti e às figuras de proa do socialismo e do liberalismo italianos (casos de Gobetti e Croce), mas pouco se refere aos comunistas. Essa linha jornalística não decorria apenas de questões internacionais. Segundo um autor que estudou com profundidade a temática, havia incompatibilidades sérias entre o deputado Francesco Frola e o teórico socialista Antonio Piccarolo. Aquele, mais propenso a aliar-se com os comunistas (manteve relações com um comunista italiano que conhecera pessoalmente Gramsci, como teremos oportunidade de ver); já Piccarolo era duro crítico do comunismo. As defesas públicas de comunistas italianos encarcerados começaram a aparecer no *La Difesa*, quando Frola passou a dirigir o jornal, particularmente a partir de 1928.¹¹

Todavia, a primeira menção a Gramsci apareceu em 1927, numa lista de prisioneiros processados pelo tribunal especial de Roma, publicada em São Paulo.¹² Um ano depois, na edição dominical, o seu nome reapareceu, numa informação sobre a condenação de comunistas pelo tribunal fascista.¹³

OS ANOS 30: GRAMSCI ANTIFASCISTA

Entre os comunistas brasileiros nada se sabia de Gramsci, o que é compreensível, pois até mesmo na Itália houve um período de silêncio sobre ele. Entre meados de 1931 e dezembro de 1933, *Lo Stato Operaio* nada afirma sobre Gramsci. *L'Unità*, outro órgão dos comunistas italianos, atravessou o ano de 1932, sem uma única palavra sobre Gramsci¹⁴ (é útil sempre recordar que Gramsci era ainda o secretário-geral do partido). Ora, se os próprios comunistas italianos silenciavam sobre Gramsci, o que esperar dos demais?

Entre os trotskistas brasileiros, o nome de Gramsci apareceu em 1931. Gramsci foi citado positivamente

num livro de Trotski, traduzido por Mário Pedrosa em 1931 e publicado em 1932. Nele está escrito:

O Partido Comunista da Itália nasceu quase ao mesmo tempo que o fascismo. Mas as mesmas condições de refluxo revolucionário que faziam o fascismo subir ao poder, entravavam o desenvolvimento do Partido Comunista. O Partido Comunista não tinha uma noção exata da extensão do perigo fascista, embalava-se com ilusões revolucionárias, foi irremediavelmente hostil à política de frente única, foi atingido, em suma, por todas as doenças infantis. Não há nisso nada de surpreendente; tinha só dois anos. Só via no fascismo uma “reação capitalista”. O Partido Comunista não discernia os traços *particulares* do fascismo, que a mobilização da pequena burguesia contra o proletariado lhe apresentava. Segundo as informações dos amigos italianos, *exceto Gramsci, o Partido Comunista nem mesmo admitia a possibilidade da tomada do poder pelos fascistas.*¹⁵

Todavia, a primeira referência significativa a Antonio Gramsci data de 1933 e foi publicada pelo jornal antifascista *O Homem Livre*.¹⁶ O texto refere-se ao “martírio do condenado à morte lenta e implacável” e se espanta com a resistência de Gramsci na prisão:

A hora de Gramsci não chegou ainda, mas o fascismo se consola porque assim mais longo será o martírio do condenado à morte lenta e implacável. Quem conheceu de perto o ex-diretor de *Ordine Nuovo*, homem de físico franzino e infeliz, há de se admirar pelo fato de ter resistido tanto tempo nas cadeias de Mussolini, verdadeiros túmulos dos vivos.

O texto também reproduziu, pela primeira vez em nosso país, o famoso diagnóstico médico realizado pelo Dr. Umberto Arcangeli, em 20 de março de 1933, quando obteve permissão para uma visita a Gramsci. Esse diagnóstico passara a ser divulgado pelos antifascistas italianos em toda a Europa, particularmente na França e na Inglaterra, onde vivia o amigo de Gramsci, Piero Sraffa. No Brasil, foi publicado novamente apenas em 1966, como nota ao livro *Cartas do cárcere*.

O artigo era uma verdadeira denúncia da situação ultrajante em que Gramsci se encontrava no cárcere

As primeiras referências a Gramsci no Brasil não vieram do Partido Comunista do Brasil (PCB), mas de socialistas, trotskistas e de outros antifascistas.

fascista. Quem era o autor dessa primeira referência a Gramsci em nosso país? O autor do artigo foi, provavelmente, um imigrante italiano chamado Goffredo Rosini, um professor de filosofia¹⁷ que era um dos principais colaboradores de *O Homem Livre*. Deve-se a Fulvio Abramo essa preciosa informação.

Segundo alguns relatos,¹⁸ Rosini era membro do PCI, havia sido preso na mesma época em que Gramsci e, depois de libertado, veio ao Brasil. Expulso do país, em 1934, foi para a Espanha, onde foi ferido em uma batalha e durante a convalescença parece ter

se apaixonado por uma enfermeira russa, à qual revelou sua condição de trotskista. Ao sair do hospital, encontrou-se com ela e foi a última vez que seus camaradas o viram. Suspeita-se que tenha sido deportado para Odessa, onde desapareceu. Fulvio Abramo, que o conheceu em São Paulo, suspeitou que Rosini fora levado à URSS e assassinado.¹⁹ Segundo a polícia italiana, um indivíduo portando o passaporte de Rosini veio para o Brasil em 1942,

mas esse “outro” Rosini jamais procurou seus antigos companheiros trotskistas.

Outros detalhes foram fornecidos por Ivete Simionatto que, baseada em depoimento de Fulvio Abramo, afirma:

Natural de Salerno (1899-1937), Rosini era, em 1926, um dos responsáveis inter-regionais do PCI que se encontrava na clandestinidade. Preso, convive com Gramsci no cárcere e, após ser libertado, foge da Itália e chega ao Brasil no início da década de 30, onde se ligou à ala esquerda do PCB [...]. Das lembranças da prisão, Rosini se reporta ao diálogo que travara com Gramsci: “Ele fazia duras críticas à Terceira Internacional, mesmo sendo membro do PCI”.

Numa nota de rodapé a autora citada ainda diz: “Em 1934, após a jornada antifascista realizada na praça da Sé, Rosini, preso e expulso do país, segue para o Uruguai e posteriormente para a Espanha.”²⁰

Essas informações, baseadas numa única fonte oral e, portanto, sujeitas a erros e falhas de memória, precisam ser contrastadas com o “outro lado”: os órgãos de repressão, que fizeram um acompa-

nhamento detalhado do périplo dos militantes de esquerda nos anos 30. Segundo o prontuário de Rosini na Delegacia de Ordem Política e Social (Deops),²¹ ele era um perigoso “comunista trotskista”, de “ideais dissolventes”, nascido em Jesi, província de Ancona, morador em São Paulo, na rua Frederico Abranches, nº 63 (no bairro de Santa Cecília). Através do seu prontuário sabe-se, com precisão, que esse italiano de “estatura média, cabelos castanhos, olhos escuros e barba feita”, já estava no Brasil em junho de 1929, quando foi detido para averiguações. Nessa ocasião declarou ter saído da Itália em 1926, rumo a Paris, e dessa cidade veio para São Paulo, em 1929. Foi nesse ano que travou contato com Frola, ex-deputado socialista, diretor do *La Difesa*. Com Rosini estava um pequeno envelope azul com uma carta endereçada a um camarada italiano, exilado em Paris, Frederico Gentilucci. Na missiva, Rosini informava ter se encontrado com outros dois “comunistas italianos” e parece ter convivido tempo suficiente para emitir detalhado juízo de valor acerca dos dois: um seria muito sério (Frola), o outro um *câftin* que viveria da prostituição da irmã. Rosini passou a colaborar com o *La Difesa*, sem assinar os artigos, e, depois, aproximou-se dos trotskistas.

Rosini ligou-se ao agrupamento trotskista de São Paulo e colaborou com o jornal *O Homem Livre*. Ele não foi preso somente *depois* da batalha da praça da Sé, mas *antes*. A batalha entre comunistas e integralistas ocorreu em 7 de outubro de 1934, mas Rosini foi preso no dia 6 de março desse ano, quando ia encontrar-se com o professor José Neves, na esquina da Rua Major Diogo com a Avenida Brigadeiro Luís Antônio (no Bexiga). Em poder dos dois presos estavam inúmeros exemplares de *Lucta de Classe* e um livrinho chamado *Rumo à IV Internacional*, editado em 1934, com textos de Trotski e G. Gurov (esse livro e os jornais estão anexados ao prontuário de Rosini). No dia 9 de março, Rosini foi mandado ao presídio político do Paraíso. Sua expulsão do Brasil foi decretada oficialmente em 21 de maio de 1934 e ele foi solto depois que Pasquale Petraccone,²² o editor do jornal antifascista *Italia Libera* e amigo de militantes como Aristides Lobo e Vitor Azevedo, responsabilizou-se por Rosini. Depois disso não há mais notícias fidedignas sobre ele, embora possa ter ficado mais algum tempo em São Paulo, até a batalha da praça da Sé.²³

Rosini, seguramente, conheceu Gramsci na Itália, consoante pode ser inferido do seu artigo em

Entre os trotskistas brasileiros, o nome de Gramsci apareceu em 1931. Gramsci foi citado positivamente num livro de Trotski, traduzido por Mário Pedrosa em 1931 e publicado em 1932.

O *Homem Livre*. Dessa fonte pode-se depreender que talvez o tivesse conhecido em liberdade, quando Gramsci dirigia *L'Ordine Nuovo*. É lícito crer também que Rosini tenha convivido por pouco tempo com Gramsci na prisão, a partir de fins de 1926. Nesse caso, a informação do seu prontuário é imprecisa quanto à sua ida para a França. Mas partir dessa informação para afirmar que já nesse momento “Gramsci fazia duras críticas à III Internacional” (como declarou Fulvio Abramo) pode ser um exercício de *wishfull thinking*. Não há relato escrito de Rosini nesse sentido e a memória dos militantes da época poderia levar a projetar no passado uma determinada apropriação de Gramsci.

Gramsci tinha divergências com os métodos empregados na repressão à oposição de esquerda na URSS, conforme prova sua carta ao PCUS de 1926. Também é verdadeiro que tinha concordância com a linha de Frente Única, defendida por Lênin e Trotski no III Congresso da Internacional Comunista. Ocorre que a viragem na política da Internacional aconteceu somente em 1928 e talvez Gramsci só tenha conhecido esse fato muito tempo depois, quando teria sido impossível Rosini tê-lo contatado. Além disso, Gramsci não compartilhava das críticas feitas pela oposição de esquerda na URSS. Uma explicação plausível para a “aceitação” de Gramsci entre os trotskistas era o fato de que seu nome não estava vinculado à nova rede de poder do Comintern, posto que ele estava preso. Além disso, Gramsci apareceu numa nota de um livro de Trotski de forma positiva. Detalhe: esse livro foi publicado no Brasil em 1932, como já vimos.

Ainda em vida de Gramsci publica-se no Brasil a tradução de um opúsculo de Romain Rolland, originalmente publicado em francês em 1934, *Os que morrem nas prisões de Mussolini; Antonio Gramsci*.²⁴ O opúsculo foi traduzido em 1935 pelo engajado poeta Colbert Malheiros, que algum tempo depois amargaria uma prisão no Rio de Janeiro devido ao fracasso da ANL, da qual era membro. Nesse mesmo ano, numa vigorosa palestra, proferida pelo catedrático da Faculdade de Direito da USP, Alberto da Rocha Barros, há uma referência a Antonio Gramsci.²⁵ Já no início de 1935, veio a lume a seguinte nota sobre Gramsci: “a pressão do movimento internacional das massas acaba de arrancar Gramsci, chefe do Partido Comunista Italiano, das garras sangrentas de Mussolini”.²⁶ A notícia era, naturalmente, incompleta. Em 25 de outubro de 1934 Gramsci obteve a

liberdade condicional e saiu pela primeira vez da clínica onde estava internado, mas só obteve a liberdade plena três dias antes de morrer, em 1937.

Essas alusões eram os ecos dos tiros que se davam na Europa. Lá, um comitê internacional pela liberdade de Gramsci e de outros presos políticos italianos era bastante ativo. Um comunicado desse comitê foi publicado pelo jornal *Marcha* ainda no mesmo ano de 1935, às vésperas da “intentona comunista”.²⁷ *Marcha* combatia o integralismo e tinha a colaboração de intelectuais como Caio Prado Jr. e o citado Colbert Malheiros. Também aí aparece estampado o nome de Antonio Gramsci. Importa notar a verdadeira *tradução* da luta internacional contra o fascismo e, portanto, da solidariedade internacional a Gramsci, para o combate ao integralismo. O fascismo era um tema presente na política

brasileira e suscitava o interesse de políticos e profissionais liberais. Além das citadas campanhas e opúsculos antifascistas, ofereciam-se ao público dos anos 30 desde defesas apaixonadas do regime fascista e propostas de uma república corporativa brasileira,²⁸ até estudos pretensamente mais objetivos.²⁹ Em São Paulo, cidade de tantos imigrantes, não faltavam organizações fascistas, que só foram fechadas pelo governo em 1942.³⁰

Esse Gramsci antifascista, até aqui apresentado, menos conhecido concretamente, mas muito mais vivo para os que se mobilizavam pela sua liberdade, existiu de fato nas mentes de alguns poucos militantes de esquerda no Brasil dos anos 30 e 40. Esse outro Gramsci não influenciou a trajetória real da história política da esquerda brasileira, mas teve incidência no papel que a memória histórica dos militantes daquela época passou a desempenhar na instrumentalização de Gramsci depois que ele se tornou um referencial importante para a esquerda nos anos 70.

OS ANOS 40: O HOMEM DE PARTIDO

O segundo pós-guerra trouxe consigo os ventos democráticos da vitória antifascista e, principalmente,

Gramsci tinha divergências com os métodos empregados na repressão à oposição de esquerda na URSS, conforme prova sua carta ao PCUS de 1926.

a repercussão positiva dos heróicos feitos dos exércitos soviéticos diante do aparentemente irresistível avanço nazista.³¹ O prestígio comunista cresceu, e foi recolhido tanto nas eleições parlamentares de dezembro de 1945, quanto na atração que o partido exercia sobre a intelectualidade radical. Os trotskistas, anarquistas e os socialistas, mais importantes que os comunistas na São Paulo dos anos 30, praticamente desapareceram, ou reduziram-se a grupos insignificantes. Mais do que nunca, o *novo* PCB aparecia como o arauto da democracia, das alianças e da defesa da legalidade.

É nesse clima político que Gramsci reaparece na imprensa comunista, mas com as “máculas” do comunismo oficial – ele já havia sido apresentado a alguns leitores brasileiros num livro do conde Carlo Sforza, que incluiu Gramsci na galeria de políticos importantes da Itália.³²

Um exemplo significativo: Jacob Gorender, então combatente da força expedicionária brasileira na Itália, e já militante comunista (costumava freqüentar as sedes do PCI e chegou a ouvir discursos de Palmiro Togliatti), leu um esboço biográfico de Gramsci ainda na Europa, além de vários folhetos com textos gramscianos. Ao retornar ao Brasil, em 1945, antes mesmo da publicação das principais obras de Gramsci na Itália, Gorender escreveu três artigos sobre a nova democracia italiana, um dos quais focalizando Gramsci.

O primeiro artigo,³³ mais profundo e analítico, já citava Gramsci acerca da revolução burguesa italiana incompleta e da possibilidade aberta de uma vitória do proletariado ou da reação fascista nos anos 20 (a alternativa não era tão simples num movimento comunista que considerava a revolução socialista vitoriosa uma inevitabilidade). O último artigo da trilogia revisitava a trajetória política italiana nos estertores do fascismo. O mais importante dos três artigos para efeito dessa pesquisa, contudo, é o segundo, “A nova democracia italiana (o Partido Comunista de Gramsci e Togliatti)”.³⁴ Uma longa citação exigirá a paciência do leitor, mas será reveladora das características dessa fase de apropriação da figura de Gramsci pelo PCB:

Antonio Gramsci, filho de camponeses pobres da Sardenha, foi o fundador do Partido Comunista Italiano. O primeiro bolchevista de sua pátria, coube a ele, melhor do que a Antonio Labriola, a missão de distinguir o papel do proletariado [ilegível]. A falência do Partido Socialista na situação revolucionária do

primeiro pós-guerra e, ao mesmo tempo, a experiência da Revolução Russa de outubro de 1917, indicaram a Gramsci o caminho certo. Concentrando fogo sobre os centristas e os oportunistas nas fileiras operárias, o movimento iniciado pelo seu jornal, *A Ordem Nova*, em Turim, resultou na unificação de diversos grupos de esquerda e na criação, em Livorno, do Partido Comunista, nascido da fração mais conseqüente do Partido Socialista.

Um ano de permanência na União Soviética foi para o jovem líder proletário o melhor curso prático de política marxista. Retornando à Itália, Gramsci realizou uma tarefa exaustiva de reeducação dos quadros revolucionários, concentrando o fogo, de acordo com a boa escola leninista, desta vez sobre o sectarismo extremista de Bordiga, o qual queria o partido como uma elite superposta às massas, mais tarde, como um canalha trotskista, se deu bem com os *arditi* de Mussolini, na mesma ocasião em que Gramsci resistia heroicamente, no cárcere, às piores torturas, que o levariam à morte.

Esgotadas todas as possibilidades de ação legal, encarcerado Gramsci, o Partido Comunista Italiano continuou a desenvolver sua missão histórica de vanguarda do proletariado, como um verdadeiro partido marxista-leninista, agora sob a direção de Palmiro Togliatti, o melhor discípulo e dileto amigo do genial dirigente operário. A bandeira de luta continuou a ser a mesma levantada por Gramsci; a mesma que deu nome ao órgão oficial do partido: unidade. Unidade de proletários e camponeses, unidade de assalariados e pequenos proprietários, de trabalhadores manuais e intelectuais, unidade da alta e baixa Itália, unidade de todas as correntes antifascistas.

Esse artigo contém todos os ingredientes da apropriação partidária de Gramsci: é contrário ao trotskismo, é *homem de partido*, propugnador de alianças com forças sociais e políticas não-proletárias, inspirador máximo de Palmiro Togliatti, inimigo do sectarismo de Bordiga. Não cabe discutir quais desses elementos são corretos ou não à luz do conhecimento atual. Se mergulharmos no espírito da época, notaremos que a linguagem acerba³⁵ era comum no movimento comunista internacional. Apesar desse tributo pago à sua época, o texto de Gorender foi pioneiro no PCB e apresentou conteúdos, ainda que dispersos, da política de Gramsci como dirigente do PCI. Se as alianças são apresentadas na linguagem dos anos 40, segundo as necessidades táticas dos comunistas no segundo pós-guerra, não deixa de ser útil observar que Gramsci foi um combatente contra o isolamento dos PCs. Artigo significativo mesmo do ponto de vista da biografia de Jacob Gorender

(que seria depois um dos nossos maiores historiadores), posto que revela o interesse já na sua juventude pela figura histórica de Gramsci.

Entre os comunistas também surgiu o artigo “Antonio Gramsci, herói da classe operária” (1947), publicado por um jornal ligado ao PCB.³⁶ O texto apareceu em meio a uma longa matéria jornalística sobre o PCI (outras matérias sobre a situação italiana apareceram posteriormente em outros números) e reproduziu uma característica muito peculiar do início da divulgação da obra gramsciana na Itália: a sua vinculação com uma leitura “leninista” de seu pensamento e a apresentação de Palmiro Togliatti, o secretário-geral do PCI, como seu fiel continuador, ao lado de outros nomes como Luigi Longo, Eugenio Reale, Pietro Secchia e Giuseppe di Vittorio. Também não escapa da atmosfera ideológica da época, mostrando Antonio Gramsci como um teórico que na prisão trabalhou desmascarando o trotskismo:

Enquanto teve forças, Gramsci aproveitou todas as oportunidades para trabalhar, orientando os companheiros de cárcere, desmascarando o trotskismo e, sobretudo, estudando sem cessar. Advertiu, uma vez, os companheiros que continuavam lutando, fora das prisões: “A luta se tornará sempre mais dura nos próximos anos; deveis instruir-nos, instruir-nos e ainda instruir-nos, porque será necessária toda a nossa inteligência. Apossai-vos da rama formidável do marxismo-leninismo, tornai-vos dirigentes políticos de massa e aproximareis a conquista do nosso objetivo.” Gramsci escreveu, na prisão, cerca de 4.000 páginas, que, em grande parte, foram salvas e hoje divulgadas pelo Partido Comunista. Apesar das circunstâncias extremamente desfavoráveis em que viveu, deu a mais importante contribuição à cultura italiana, no século XX. Mas ele não foi somente um intelectual, um escritor. “Antes de tudo – disse Togliatti – Gramsci foi e é homem de Partido”.³⁷

Essa tentativa de aprisionar o pensamento gramsciano no âmbito da vulgata stalinista, necessária para as justificativas ideológicas das oscilações táticas que a URSS impunha ao movimento comunista internacional (ditadas pela sua própria razão de Estado)³⁸ implicava duas conseqüências: Gramsci era reduzido apenas ao mártir da classe operária, ou na expressão honesta de Benedetto Croce, o “gênio e o santo do socialismo italiano”. Por outra parte, silenciava-se sobre sua obra. Evidentemente, isso não era totalmente possível na Itália, mas ocorreu durante muito tempo na América Latina, cujos países careciam de uma cultura marxista largamente anterior e de

grandes pensadores marxistas nacionais (exceção feita ao Peru de Mariátegui)³⁹ e limitavam-se a repetir os clássicos do marxismo e os *aplicavam* à realidade latino-americana sem mediações, embora tivessem produzido intelectuais significativos na historiografia. Tal fato levou José Aricó a estabelecer uma correspondência entre a exaltação a Gramsci como *figura moral* e o *silêncio sobre sua obra*.⁴⁰

Seria injusto, porém, não falar das exceções. Elas mostram que Gramsci não foi apenas o “homem de partido”. Houve intelectuais e militantes do próprio PCB, ou a ele ligados de algum modo, que travaram contato com o conteúdo do pensamento de Gramsci de forma independente. Um primeiro exemplo de análise da obra

gramsciana apareceu em outubro de 1947, quando a revista *Literatura* publicou um artigo de E. Carrera Guerra sobre “As cartas de Gramsci”, avaliando as críticas do comunista italiano a Benedetto Croce. Guerra era um crítico literário que depois escreveria vários artigos na *Revista Brasileira* de Caio Prado Jr.

O seu artigo foi o primeiro que analisou algum aspecto da obra de Antonio Gramsci, superando o simples comentário biográfico e mostrando os passos percorridos do estudo da obra de Croce à descoberta de que “sob a concepção de liberdade de Croce, uma boa dose de cinismo, uma forma contemporânea de maquiavelismo, que consiste em desligar a tese da antítese e tratar uma ou outra conforme razões práticas, isto é, oportunistas”, reserva aos intelectuais a “posição cômoda de guardiães do futuro, sem compromissos em face do presente”.⁴¹ O artigo de Carrera Guerra opõe Gramsci à cultura liberal italiana, sem mostrar ao mesmo tempo, e dialeticamente, que Croce também cumpria uma função positiva na história da cultura, opondo-se ao fatalismo e ao determinismo histórico. Cabe ressaltar, porém, que Guerra não conhecia então os *Cadernos do cárcere*, nem muito menos podia ter ouvido falar das excelentes relações que o grupo do semanário *Ordine Nuovo*, de Gramsci, tinha com o liberal Piero Gobetti.

A revista que publicou essa resenha crítica sobre as cartas de Gramsci, *Literatura*, foi fundada e dirigida por Astrojildo Pereira, em setembro de 1946. Astrojildo era reconhecidamente um espírito aberto e um

Entre os comunistas também surgiu o artigo “Antonio Gramsci, herói da classe operária” (1947), publicado por um jornal ligado ao PCB.

exemplo de intelectual orgânico do movimento operário, desde os remotos tempos da hegemonia anarquista na esquerda brasileira. O primeiro número trazia a colaboração de Otávio Tarquínio de Sousa, Manuel Bandeira, Jorge de Lima, Graciliano Ramos etc. Até então, o PCB tinha uma política cultural aberta aos artistas e intelectuais não-comunistas.

Com a Guerra Fria e a cassação dos mandatos dos parlamentares comunistas, em janeiro de 1948, e o empastelamento de seus principais jornais e revistas, a política do PCB sofre uma viragem à esquerda com sua autocrítica, o *Manifesto de janeiro* (1948), contra a política de colaboração operário-patronal. Em 1950 é a vez do *Manifesto de agosto*, pregando uma radicalização política ainda maior.⁴²

OS ANOS 50: PRIMEIRA DIFUSÃO

Nesse decênio veio a lume outro artigo sobre Gramsci, agora na revista teórica comunista *Fundamentos*. O artigo chamava-se “Antonio Gramsci”, e era assinado pelo senador italiano e ex-companheiro de Gramsci no PCI, Umberto Terracini. O longo artigo dedicava-se à exaltação da figura de Antonio Gramsci, mas também ao ambiente político-social em que ele viveu e agiu e a alguns problemas práticos que ele buscou teorizar, como a questão meridional e a aliança operário-camponesa na Itália, inspirada em Lênin, mas desenvolvida de forma original por Gramsci.⁴³ Ainda que Gramsci permanecesse como figura de partido (do PCI e do comunismo oficial), o artigo de Terracini apresentava conteúdos do pensamento de Gramsci que poderiam inspirar espíritos curiosos a estudá-lo.

A revista *Problemas* (editada no Rio de Janeiro), menos aberta ao pensamento crítico do que a *Literatura*, todavia mais representativa dos objetivos oficiais dos comunistas brasileiros, divulgou explicitamente a figura de Gramsci. *Problemas* era uma publicação do movimento comunista internacional adaptada a cada partido comunista nacional. No Brasil, trazia costumeiramente artigos de Prestes, Marighella, Maurício Grabois, Diógenes Arruda e outros dirigentes, seguidos de textos de fundo produzidos na antiga URSS e em outros partidos comunistas, dentre os quais o italiano.⁴⁴

Gramsci chegou ao conhecimento do corpo editorial da revista e da direção do PCB através da leitura “autorizada” do PCI. O primeiro artigo alusivo a Gramsci em *Problemas* foi divulgado numa seção permanente da revista, chamada “Figuras do mo-

vimento operário”, na qual se imprimiram, em diversos números, os nomes de Lênin, Stálin, Togliatti, Dimitrov e outros. O artigo veio a lume em maio de 1948, depois, portanto, de terem aparecido outros na imprensa comunista (jornais *Tribuna Popular* e *Classe Operária* e revista *Literatura*). Tratava-se do depoimento de um operário comunista que convivera com Gramsci na prisão. Mais do que impressões pessoais, o texto trazia a análise gramsciana da situação da Itália no início dos anos 30. Ao contrário do que ensinava a cartilha do famigerado *terceiro período* da Internacional Comunista,⁴⁵ Gramsci negava a idéia de que o fascismo estava condenado à queda iminente e que da ditadura fascista se passaria imediatamente à ditadura do proletariado. Assinalando o potencial hegemônico dos fascistas e sua base de massas, considerava importante fazer uma análise concreta da situação italiana que identificasse os aliados a conquistar e os inimigos a neutralizar. Em vez da aplicação de categorias gerais e abstratas, definidas pela comissão executiva da IC, ele propugnava o estudo das condições históricas particulares da Itália:

O fascismo – dizia ele – pouco ou mais ou menos, rechaçou o proletariado e todo o povo italiano para as posições mais atrasadas. O processo de luta de classes na Itália se desenvolverá, pois, no sentido da conquista das liberdades destruídas pelo fascismo. Naturalmente esse processo terá suas características particulares, as suas etapas, os seus períodos de tréguas, mas durante o seu curso o proletariado poderá recuperar, ainda que aos saltos, as posições que detinha antes do fascismo e conquistar outras. O fascismo tem necessidade de controlar as grandes massas, refreá-las nas suas próprias organizações reacionárias para influenciá-las continuamente com a sua demagogia. Mas a admissão cada vez maior das massas nas organizações fascistas leva a uma modificação de sua estrutura ideológica. O primitivo núcleo fascista estará sempre em condições cada vez mais difíceis de assimilar estas massas e em certa medida se verá submerso, especialmente se os nossos companheiros souberem conduzir sua ação inteligentemente. A luta de classes se manifestará então sob as formas mais variadas e imprevistas.⁴⁶

Uma análise de conjuntura de tamanha qualidade poderia suscitar em espíritos menos afeitos a dogmas e verdades estabelecidas o interesse pelo estudo da conjuntura política brasileira à luz de suas próprias condições intrínsecas.

Os comunistas brasileiros estavam adaptados a uma recepção de líderes comunistas como figuras

heróicas e só se estivessem envolvidos no estudo paciente e “concreto” da história brasileira, sem preocupação de apenas decorar leis gerais, poderiam desviar, ainda que hereticamente, o olhar para aquilo que fugia aos padrões dos manuais. Gramsci era, também nesse artigo, um homem de partido.

Um olhar atento sobre um segundo artigo publicado em *Problemas* e referente a Gramsci pode explicar melhor essa função primordialmente partidária de sua figura. Em 1950, na mesma seção “Figuras do movimento operário”, a revista *Problemas* traz à luz o artigo de Palmiro Togliatti sobre Gramsci, originalmente publicado em *Stato Operaio*, em 1937. Na Itália, esse artigo cumpriu a decisiva função de legitimar Gramsci perante a IC e a jovem militância comunista italiana como o velho *capo* encarcerado, danificado e assassinado lentamente pelos fascistas, homem de partido, disciplinado e fiel à URSS. Inconscientemente ou não, pouco importa, o longo artigo de Togliatti ajudou a preservar a aura de um Gramsci a um só tempo marxista criativo e supostamente em acordo com os desígnios da IC. Gramsci aparece em primeiríssimo lugar como o “primeiro bolchevique italiano”, leninista convicto, antitrotskista e aplicador das diretrizes da IC.

Desse modo, Togliatti atribui a Gramsci uma frase que, hoje, enrubesceria a qualquer um:

Em 1930 [Gramsci] tendo sabido que determinado companheiro encarcerado estava ameaçado de cair sob a influência do trotskismo, não podendo manter a este respeito longas discussões, lançava no cárcere a palavra de ordem bastante significativa: ‘Trotski é a prostituta do fascismo’.⁴⁷

A frase, improvável, inverossímil e duvidosa, não pode deixar de ser compreensível no *Zeitgeist*, momento de totalitarismos desenfreados, dos processos de Moscou (1937-1938), da eliminação física da maior parte dos delegados presentes ao XVII Congresso do PCUS (1934) e do combate sem tréguas ao “inimigo” trotskista. Para justificar Gramsci, diriam alguns, Togliatti teve que vender a própria alma. Mas seria projetar no passado o pensamento duma época posterior, quando Stálin passou, mesmo na versão oficial do PCUS, de “guia genial dos povos” a um déspota criminoso. É sintomático que Togliatti atribua a defesa de uma frente única antifascista na Itália, feita por Gramsci desde os anos 20, a um desdobramento consciente da política do VII Congresso da IC. Como muitos testemunhos corroboram (incluindo os de Giuseppe Ceresa, Athos Lisa e do irmão de Gramsci,

Mario) Antonio Gramsci continuou, mesmo no chamado *terceiro período*, a propugnar a aliança com liberais e sociais-democratas, em torno de um programa mínimo de restabelecimento da democracia, e por uma Assembléia Nacional Constituinte. Togliatti provavelmente também não ignorava essas posições de Gramsci, mas ao homenageá-lo diz, *ipsis litteris*: “Nos últimos tempos, tendo tomado conhecimento das decisões do sétimo congresso da Internacional, todo o seu pensamento foi orientado na procura da forma de realização da frente popular antifascista na Itália.”⁴⁸

O texto é auto-explicativo: Gramsci só teria se voltado à idéia de frente popular depois de conhecer as decisões do VII Congresso da IC, apenas dando “forma” ao conteúdo originado na URSS.

Essas manifestações de interesse por Gramsci não renderam frutos, como se sabe. Para lembrar o método de Antonio Candido de maneira um tanto livre, podemos considerar a produção orgânica do PCB como uma totalidade, formada por suas resoluções e publicações autorizadas. Se assim o fizermos, essas esporádicas referências gramscianas permanecerão como “um corpo estranho de interesse crítico secundário”.⁴⁹

Mesmo na ilegalidade, o PCB continuou a reinar incontrastável na vida política de esquerda. O minúsculo e efêmero Partido Socialista Revolucionário tinha militantes de tradição política, como Hermínio Sacchetta, e jovens intelectuais da USP, como Florestan Fernandes, mas esteve longe de ameaçar a hegemonia do PCB nos poucos movimentos sociais existentes. Uma pequena cisão interna, em 1952, a de José Crispim, não abalou o partido.⁵⁰ Mais tarde, a esquerda não-comunista se abrigou no Partido Socialista, de pequena inserção social. Só o Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) tinha grande poder de atração sobre a mesma base social que o PCB queria representar.

Naqueles anos 50, o nome de Gramsci tornou-se mundialmente conhecido. Na Argentina, o comunista Hector Agosti foi o responsável pela publicação das *Cartas do cárcere*, em 1950, e, entre 1958 e 1962, dos *Cadernos do cárcere*, sempre pelas Ediciones

A revista *Problemas* (editada no Rio de Janeiro), menos aberta ao pensamento crítico do que a *Literatura*, todavia mais representativa dos objetivos oficiais dos comunistas brasileiros, divulgou explicitamente a figura de Gramsci.

Lautaro. Também foi pioneiro no uso de categorias gramscianas na análise da realidade argentina, mas todo esse esforço não comoveu a paralisia teórica que imperava no Partido Comunista Argentino:

A História da formação e do desenvolvimento desse movimento [de Agosti], de suas relações conflitivas

com direções políticas que impediam a circulação de idéias, de sua marginalização da esfera de decisões até mesmo em seu próprio ambiente de trabalho [...] tudo isso encerra a essência do processo de introdução de Gramsci na Argentina. É provável que algo análogo tenha ocorrido no Brasil no final dos anos 60, quando se iniciou a tradução de alguns volumes dos cadernos.⁵¹

As obras de Gramsci foram publicadas numa miríade de línguas, desde o persa até o sueco e o chinês;

além disso, produções significativas sobre o seu pensamento surgiram nos principais países do ocidente. Na França, excluindo artigos de denúncia do fascismo na imprensa dos anos 30 e o opúsculo já mencionado de Romain Rolland, abundam edições das *Oeuvres choisies*, das *Lettres* e de artigos de Garaudy, Desanti etc., todos nos anos 50. Na Alemanha e na Inglaterra, a recepção da obra gramsciana foi mais tardia e lenta. Enquanto isso, na URSS, além do pioneiro gramsciano Egerman, que publicou diversos artigos entre 1949 e 1957, a obra de Gramsci foi pouco conhecida; somente em 1957 publicaram-se as obras escolhidas de Gramsci em russo. A partir daí, se desenvolveu ampla bibliografia sobre Gramsci na Rússia, particularmente sobre a questão do *risorgimento*. Na Iugoslávia, país que desde a tomada do poder pelos comunistas de Tito não se alinhou aos países satélites da URSS, Gramsci teve suas principais obras traduzidas a partir de 1951.⁵²

O declinar dos anos 50 assistiu não só à sobrevivência de um movimento operário que tentava tornar-se um interlocutor racional na ordem social competitiva, mas também ao revigoramento de uma cultura de esquerda não integralmente vinculada ao PCB e que se forjava como intérprete de uma concepção de mundo mais vasta e oposta à mundividência burguesa: da esfera do corporativismo econômico tentava-se passar à luta pela hegemonia

política e cultural. A *Revista Brasiliense*, iniciada por Caio Prado Jr., foi um exemplo de continuidade do espírito de absorção cultural e disputa de hegemonia que Astrojildo Pereira imprimira à finada revista *Literatura*. A *Revista Brasiliense* chegou a travar contato com o gramsciano argentino Hector Agosti.

Relembre-se que Agosti fora pioneiro na tradução da obra de Gramsci na América Latina. Além disso, produziu uma interpretação visivelmente inspirada na obra *Il Risorgimento* para explicar a independência argentina como uma revolução interrompida. Agosti publicava na Argentina os *Cuadernos de cultura*, que apresentavam conceitos de Gramsci e, eventualmente, algum texto de Palmiro Togliatti.⁵³ Os *Cuadernos* chegavam a São Paulo, como pode-se constatar por uma interessante resenha de um número dessa publicação editado em maio de 1956. Nessa resenha, aparece claramente a influência da teoria gramsciana dos intelectuais e da cultura como campo de batalha ideológico.⁵⁴ É lícito crer que nesse período algumas idéias de Gramsci já eram conhecidas por alguns intelectuais que escreviam na *Revista Brasiliense*. Já no início dos anos 60, o gramsciano argentino Hector Agosti escreveu nessa revista um artigo sobre a Argentina.⁵⁵

Astrojildo Pereira, que se tornaria, depois, o editor da revista *Estudos Sociais*, ligada ao PCB, também mantinha boas relações com o gramsciano Hector Agosti. No rascunho de uma carta dirigida ao “estimado amigo H. Agosti”, encontrada em seu arquivo pessoal, pode-se observar que Astrojildo recebia regularmente os *Cuadernos de cultura* e, naturalmente, conhecia o pensamento de Gramsci (em verdade desde os anos 40, com a experiência da revista *Literatura*, como já vimos).⁵⁶

Ainda no interior da *Revista Brasiliense*, Elias Chaves Neto escreveu uma série de artigos políticos, mais tarde (1982) reunidos em livro.⁵⁷ As referências ao gramsciano Agosti e a sugestiva centralidade da questão democrática fazem de Chaves Neto um dos pioneiros, na esquerda, a relacionar o movimento comunista brasileiro à democracia, quando a inspiração toglattiana já se fazia presente, mas de forma muito embrionária. Na pequena biografia de Caio Prado Jr., publicada ao final de uma das obras do historiador paulista, Elias Chaves Neto mencionou explicitamente o conceito gramsciano de filosofia da práxis.⁵⁸ Era, certamente, um autor que conheceu, já nos anos 50, o pensamento de Gramsci, seja diretamente, ou por via indireta, através de Togliatti e de Agosti.

A *Revista Brasiliense*, iniciada por Caio Prado Jr., foi um exemplo de continuidade do espírito de absorção cultural e disputa de hegemonia que Astrojildo Pereira imprimira à finada revista *Literatura*.

No interior do PCB também se abriam novos horizontes (ou assim se acreditava à época). Em fins dos anos 50 e o início dos anos 60, o PCB ensaiava uma tímida abertura intelectual, o que não deixava de refletir o clima político surgido com a desestalinização, promovida pelo famigerado relatório Krushev na URSS (1956), após o XX Congresso do Partido Comunista da URSS (PCUS). Nesse relatório Nikita Krushev divulgou parte dos crimes de Stálin. Já no ano seguinte, o PCB sofreu uma nova defecção em suas fileiras, com a saída do grupo de Agildo Barata.⁵⁹

Logo depois da crise do relatório Krushev, *Problemas* editou uma resenha de Luciano Gruppi. Tratava-se de um comentário do então recém-lançado *Studdi gramsciani, atti del convegno tenuto a Roma*.⁶⁰ Embora Gramsci seja definido como o primeiro leninista italiano, portanto homem de partido, melhor dizendo, do PCI, Gruppi principia por reconhecer o dado fundamental do método marxista: “O estudo das obras de Gramsci enriqueceu notavelmente o pensamento marxista na Itália, ensinou-lhe a evitar os esquemas, a apoiar-se não apenas nas teses gerais, mas também nos fatos concretos.”⁶¹ O relevo dado por Gruppi a um juízo de Togliatti recoloca mais uma vez o acento dado ao papel partidário de Gramsci, tônica de toda essa fase inicial de recepção de sua obra no Brasil:

Estudar Gramsci, dizia Palmiro Togliatti na Conferência, significa analisar não só as posições de Gramsci elaboradas e sustentadas nos debates filosóficos e teóricos, mas também sua atividade prática como homem político, fundador e dirigente do partido de vanguarda da classe operária italiana. Eu creio – acrescentava Togliatti – que esse é o único modo justo de abordar as obras de Gramsci e de penetrar em seu significado. Gramsci foi um teórico da política, mas sobretudo um político prático, isto é, um combatente.⁶²

Veja-se que para os comunistas brasileiros, receptores da interpretação togliattiana de Gramsci, há um só modo “justo” de se entender Gramsci: como militante político. Mas militante de que organização? Ora, do Partido Comunista. Pouco importaria saber que o PCI de fins dos anos 50 poderia ser bem diverso daquele que Gramsci conheceu, ou que o PCB poderia não representar no Brasil a mesma função nacional do PCI na Itália. Usos e abusos de uma teoria e de um pensador são sempre úteis, mas para quem? Infelizmente, o bom andar da carruagem interdita ao historiador especular sobre um possível “uso” criativo das categorias de Gramsci e do próprio Marx nas

análises políticas do PCB, não como modelo ou simples referencial moral e partidário. Mas seria resvalar para a ficção e indagar se o destino não estava ali e os comunistas o perderam. Voltemos aos fatos.

OS ANOS 60: PRIMEIRAS ABORDAGENS

Já nos anos 60, a primeira referência importante a um conteúdo do pensamento de Gramsci partiu de Antonio Candido em 1961 (nesse mesmo ano Carlos Nelson Coutinho também faz uma referência *en passant* a Gramsci).⁶³ Num debate do II Congresso de Crítica e História Literária, realizado na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Assis, em julho de 1961, Candido refere-se a um velho problema da crítica literária. Se num primeiro momento acentuaram-se os aspectos conteudísticos da obra de arte, a matéria-prima social de que ela é feita, em detrimento das operações formais, num segundo instante, relegou-se a segundo plano tudo o que parecia ter significação social, valorizando-se apenas a organização interna e a estrutura da obra de arte. Antonio Candido insurge-se contra essa falsa dicotomia propugnando uma leitura dialética, na qual o social (externo) torna-se significativo não como temática da literatura, mas como “fator da própria construção artística, estudado no nível explicativo e não ilustrativo”. Para além do formalismo e do sociologismo, Antonio Candido coloca o fator social no mesmo nível dos fatores psicológicos, linguísticos, religiosos etc. Sem nexos causais determinantes.

Referindo-se, apesar de tudo, a uma possível *leitura política* da obra literária, Candido nota que ela pode assumir desde a forma primária da crítica de partido até formas mais matizadas e poderosas como a de Lukács, na obra posterior a 1930. Em seguida diz: “Na Itália, além dos fragmentos de Gramsci, há uma floração significativa de obras desse tipo, com uma liberdade pouco freqüente nos autores de orientação marxista em outros países”.⁶⁴ Gramsci aparecia em 1961, para Antonio Candido, como exemplo de leitura

Já nos anos 60, a primeira referência importante a um conteúdo do pensamento de Gramsci partiu de Antonio Candido em 1961 (nesse mesmo ano Carlos Nelson Coutinho também faz uma referência *en passant* a Gramsci).

política da obra literária, mas matizada, mediada, livre das amarras partidárias. Algo significativo.

Uma primeira tentativa de discussão política da obra de Gramsci foi um artigo de Michel Löwy publicado em 1962.⁶⁵ Embora o cerne do artigo resida na teoria do partido político e resgate o Gramsci dos conselhos de fábrica, ele se situa apenas em meio às figuras de Lênin, Rosa Luxemburg e Lukács.

É claro que nos anos 60 a vida de Gramsci e sua importância eram muito mais conhecidas através de jornais e revistas do PCI que chegavam ao Brasil.⁶⁶ Mas a história da recepção brasileira de Gramsci deve conter-se e abrir um parêntese quando se referir a um grande crítico literário. Trata-se de Otto Maria Carpeaux. Ele já conhecia referências a Gramsci havia muito e tinha escrito nos anos 40 um artigo inexecedível sobre Benedetto Croce, simplesmente o maior interlocutor de Gramsci. Carpeaux publicou em 1964 um curto artigo⁶⁷ enfocando o “memorial de Yalta” de Togliatti e, principalmente, Gramsci e sua carta ao Comitê Central do PCUS de 1926, em que este pede para que não se sufoque a oposição de esquerda interna de Trotski, Zinoviev e Kamenev.

Em 1966, Carpeaux publicou o último volume de sua monumental *História da literatura ocidental*,⁶⁸ em que fez uma referência a Gramsci num longo parágrafo, apontando umas poucas e valiosas indicações bibliográficas para o seu melhor conhecimento. Fiel à sua rica abordagem culturalista, Carpeaux “desloca, em casos-limite, o eixo da interpretação do historicismo idealista para o dialético, dando necessário peso às motivações sociais, conforme a lição de Gramsci, Lukács, Walter Benjamin e Adorno”.⁶⁹ Nesse mesmo ano, o crítico austríaco publicou “A vida de Gramsci”,⁷⁰ artigo que, embora ainda permanecesse na exaltação moral da vida do pensador italiano (“*A morte prematura foi a coroa do martírio. Mas a cova da campa fascista ficou vazia. O espírito ressurgiu!*”, frase religiosa, típica do período de “canonização” de Gramsci), traz significativos apontamentos para desenvolvimentos posteriores ainda hoje não realizados no Brasil, como a do universalismo da sua resistência não-passiva e nem fatalista à ditadura, a alienação da *intelligentsia* cosmopolita, a necessidade de sua reconstrução em bases nacionais e a correspondência da análise gramsciana da *questione meridionale* ao problema do Nordeste brasileiro.

Nesse mesmo ano de 1966 começa a publicação das obras de Gramsci no Brasil e, de fato, fecha-se o

período de pré-história de sua recepção, pois a sua própria obra passa a ser de domínio público no Brasil, em que pesem as dificuldades e interrupções da edição.⁷¹

Não foi possível publicar os outros dois volumes dessa edição temática dos *Quaderni: Passado e presente e Risorgimento*. Uma carta de Gramsci sobre o futurismo italiano ainda seria publicada em 1969 no livro de Trotski sobre literatura e revolução. Com o fechamento institucional de fins de 1968, a derrota do movimento operário e o fim das mobilizações de massas contra a ditadura, as opções do movimento socialista pareciam limitadas ao radicalismo da esquerda armada e à opção pela oposição dentro da legalidade, feita pelo PCB, que propugnava uma política de “acumulação de forças”, onde a referência ao conceito gramsciano de *hegemonia* se tornaria, com o tempo, cada vez mais freqüente.⁷² Assim, numa resolução interna de 1973, o PCB propugnava a “luta persistente pelos objetivos táticos e estratégicos, consoante o processo de acumulação de forças e da conquista da hegemonia do proletariado”.⁷³

Com a esquerda *política* já fraturada por diversas cisões, o interesse por Gramsci, mesmo depois da publicação de seus livros, promovida por jovens intelectuais do PCB, repousa numa ou noutra discussão acadêmica, num capítulo de um livro de Leandro Konder, numa tese desconhecida cujo autor só publicará um livro muitos anos depois,⁷⁴ num texto mimeografado de um ou outro professor⁷⁵ e... no silêncio. Somente a partir da metade dos 70 surgirá um verdadeiro *boom* gramsciano. Será o início daquilo que poderíamos chamar, mais apropriadamente, de *história* da recepção de Gramsci no Brasil.

NOTAS

- 1 J. Aricó, *La cola del Diablo* (Buenos Aires: Puntosur, 1988).
- 2 Eric Hobsbawm et alii, *Gramsci in Europa e in America* (Bari: Laterza, 1995).
- 3 Guido Liguori, *Gramsci conteso. Storia di un dibattito 1922-1996* (Roma: Riuniti, 1996).
- 4 Ver, por exemplo, I. Simionatto, *Gramsci: sua teoria, incidência no Brasil, influência no serviço social* (São Paulo: Cortez, 1995).
- 5 Alfonso Velez Pliego, *El estudio de Gramsci en las universidades latinoamericanas*, mimeo, 1985.
- 6 Em El Salvador, a influência gramsciana, inobstante a precariedade da sociedade civil salvadorenha, fez-se sentir de forma ainda quase imperceptível, a partir dos anos 70. Só encontrei um único estudo que tangencia a questão, mas de resto não muito bem formulado. Ver Raul Burgos, *As peripécias de Gramsci entre Gulliver e o pequeno polegar: um estudo sobre projetos políticos do PT e da FMLN, Campinas, Unicamp, dissertação de mestrado*, 1994.

- ⁷ Carta de Rodolpho Coutinho a Astrojildo Pereira, Moscou, 5 de abril de 1924, *Memória e História*, nº 1 (São Paulo, Instituto Astrojildo Pereira, 1981), p. 127. Rodolpho Coutinho correspondia-se muito com Astrojildo nesse momento, mandando-lhe informações sobre o fascismo na Alemanha e sobre a Internacional Comunista. Ver Cartas de Rodolpho Coutinho a Astrojildo Pereira (1923-25), manuscritos microfilmados, Cedem-Centro de Documentação e Memória da Unesp, bobina 22, 15 (1) s/nº.
- ⁸ Terracini (1895) foi um dos fundadores do semanário *L'Ordine Nuovo*, com Gramsci, e do PC da Itália, em 1921. Ficou preso entre 1926 e 1943; participou da resistência até 1946, quando se tornou presidente da Assembléia Constituinte Italiana. Depois, tornou-se senador. Giovanni Germanetto (1885-1959) foi fundador do PC da Itália e membro da executiva da Internacional Sindical Vermelha.
- ⁹ *O País*, Rio de Janeiro, 22 de junho de 1924.
- ¹⁰ E. Peluzo, "Carta da Itália", *Voz Cosmopolita*, nº 67, 20 de outubro de 1925.
- ¹¹ João F. Bertonha, *O antifascismo socialista italiano em São Paulo nos anos 20 e 30*, Campinas, Unicamp, dissertação de mestrado, 1993, capítulo 4.
- ¹² *La Difesa*, São Paulo, 24 de julho de 1927.
- ¹³ *Ibid.*, 16 de junho de 1928.
- ¹⁴ Cf. Paolo Spriano, *Gramsci in carcere e il partito* (Roma: Riuniti, 1977), pp.61-62.
- ¹⁵ L. Trotski, *Revolução e contra-revolução na Alemanha*; trad. Mário Pedrosa (São Paulo, 1932). Grifos meus.
- ¹⁶ "Enquanto se prepara o 'Raid' de Balbo – Como se assassina Antonio Gramsci", em *O Homem Livre*, nº 4. São Paulo, 17 de junho de 1933; alguns dias antes o mesmo jornal publicara outro artigo acerca da situação italiana, "Matteoti e a reação sanguinária", onde o grande político italiano, assassinado pelos fascistas, é descrito como herói-mártir das liberdades postergadas [...] pelo fascismo" (*O Homem Livre*, 10 de junho de 1933). Provavelmente é um artigo escrito pelo mesmo autor do artigo sobre Gramsci.
- ¹⁷ Segundo informações da polícia italiana, obtidas pelo historiador Pierre Broué, Rosini estudou pedagogia na Universidade de Roma, sem concluir o curso. Ganhava a vida como comerciante de madeira. Fulvio Abramo, "7 de outubro de 1934 – 50 anos", *Cadernos Cemap*, ano 1, nº 1. São Paulo, outubro de 1984.
- ¹⁸ *Apud ibidem*, e Dainis Karepovs, "Gramsci", em *Teoria e Debate*, nº 10. São Paulo, maio de 1990.
- ¹⁹ *Apud* Fulvio Abramo, "O comunismo no Brasil", em *O Trabalho*, nº 250, 30 de janeiro de 1986. Fulvio Abramo foi um jornalista trotskista que conheceu Rosini nos anos 30, conforme me disse em várias conversas pessoais quando trabalhei com ele no Cemap-Centro de Documentação do Movimento Operário Mário Pedrosa (1992).
- ²⁰ Ivete Simionatto, *Gramsci: sua teoria, incidência no Brasil, influência no serviço social*, cit., p. 96.
- ²¹ Polícia do Estado de São Paulo, Delegacia de Ordem Social (1ª seção), prontuário nº 173, registro geral em 26 de fevereiro de 1946.
- ²² Petraccone foi preso em janeiro de 1938. Seu prontuário no Deops, a pedido do Departamento Regional de Correios e Telégrafos de São Paulo (ofício nº 3.200) o enquadra como trotskista (Deops, prontuário nº 1591, setembro de 1943).
- ²³ Supõe-se que foi ao Uruguai e, depois, passou à Argentina (no mês de outubro). De volta ao Brasil, segundo o consulado italiano, Rosini teria sido encarcerado, em julho de 1937, no presídio Maria Zélia, em São Paulo, mas não há referências disso no seu prontuário do Deops. F. Abramo, "7 de outubro de 1934 – 50 anos", cit.
- ²⁴ Romain Rolland, *Os que morrem nas prisões de Mussolini*; trad. Golbert Malheiros (São Paulo: Udar, 1935); traduzido do original francês *Antonio Gramsci: ceux qui meurent dans les prisons de Mussolini* (Paris: Éditions du Secours Rouge International, 1934).
- ²⁵ A palestra *Que é fascismo?* foi dada em Jaboticabal (SP), mais tarde foi publicada pela Editora Laemmert (RJ, 1969), e, recentemente, como material de propaganda do grupo Anarquistas Contra o Racismo (ACR), *Cadernos Antifascistas*, nº 1 (anos 90). Rocha Barros era dirigente da Frente Nacional Democrática, organismo antifascista, e depois participaria da cisão do PCB, dirigida por Hermínio Sacchetta (1937). Agradeço as informações prestadas por Alberto Luís da Rocha Barros, filho daquele incansável lutador antifascista, também ele devotado militante socialista.
- ²⁶ *O preso proletário*, órgão do socorro vermelho no Brasil, nº 12, Rio de Janeiro, fevereiro de 1935.
- ²⁷ "Contra os crimes do fascismo italiano", em *Marcha*, nº 1, Rio de Janeiro, 16 de outubro de 1935. Cedem, microfilmado, bobina 93, pasta 144.
- ²⁸ Olbiano Mello, *República sindicalista dos Estados Unidos do Brasil* (3ª edição, revista e ampliada. Rio de Janeiro: A. Coelho Branco, 1937).
- ²⁹ G. Roux, *Organização do Estado Novo italiano* (2ª ed. São Paulo: Saraiva, 1937).
- ³⁰ Para um modesto exemplo, ver as memórias de um conhecido morador do bairro paulistano do Bexiga, Armando Puglisi: *Memórias de Armandinho do Bixiga* (Editora SENAC São Paulo, 1996).
- ³¹ Apesar da posterior glorificação das tropas norte-americanas pelos filmes de arte ou documentários sobre a Segunda Guerra Mundial, na época ninguém poderia duvidar do fato irrecusável de que, não fossem os soviéticos, a Alemanha poderia ter ganho a guerra. Isso para não dizer que os comunistas estiveram entre os mais destemidos resistentes nos países ocupados por tropas alemãs.
- ³² Carlo Sforza, *A Itália contemporânea* (São Paulo: Ed. Brasiliense, 1945).
- ³³ *Tribuna Popular*, 12 de outubro de 1945.
- ³⁴ *Tribuna Popular*, 13 de outubro de 1945.
- ³⁵ Note-se que a acusação a Bordiga de colaborar com os fascistas apareceu num artigo de Togliatti, publicado na Itália em 1937 e republicado no Brasil em 1950. Cabe observar que as citações mais elogiosas a Bordiga na primeira edição das *Cartas do cárcere* foram suprimidas.
- ³⁶ *A Classe Operária*, Ano II, nº 75. Rio de Janeiro, 31 de maio de 1947.
- ³⁷ Grifos meus. Dois anos depois, publica-se em São Paulo um livro do filósofo italiano que mais influenciou Gramsci, Benedetto Croce, sobre um tema que não poderia ser mais apropriado: o marxismo: B. Croce, *Materialismo histórico e economia marxista* (São Paulo: Instituto Progresso Editorial, 1948).
- ³⁸ Uma interessante *confissão*, ainda que precária, da subordinação das relações políticas entre a URSS e os partidos comunistas, às necessidades do Estado soviético, embora quase sempre atribuídas a erros pessoais de Stálin, pode ser encontrada em N. Khruchchev, *Memórias* (São Paulo: Siciliano, 1991).
- ³⁹ A obra de Caio Prado Jr., que pode ter sua função na explicação marxista da realidade brasileira comparada à função que Mariátegui exerceu no Peru, ainda estava em elaboração.

- ⁴⁰ J. Aricó, "Geografia de Gramsci na América Latina", C. N. Coutinho & M. A. Nogueira (Orgs.), *Gramsci e a América Latina* (Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988).
- ⁴¹ E. C. Guerra, "As novas cartas de Gramsci", em *Literatura*, n° 6. Rio de Janeiro, outubro-dezembro de 1947.
- ⁴² *Voz Operária*, 5 de agosto de 1950.
- ⁴³ Umberto Terracini, "Antonio Gramsci", em *Fundamentos*, ano II, n° 14. São Paulo, abril de 1950.
- ⁴⁴ Uma vista d'olhos em várias edições da revista *Problemas* mostra os seguintes artigos sobre a Itália: Luigi Longo, "A atividade do Comitê Central do Partido Comunista Italiano", n° 10, maio de 1948, pp.52-63; Palmiro Togliatti, "A unidade da classe operária e as tarefas dos partidos comunistas", n° 24, janeiro-fevereiro de 1950; Pietro Secchia, "Togliatti" (na seção "Figuras do movimento operário", maio-junho de 1953; Valenti, "Grandes batalhas na Itália", n° 3, maio de 1959, pp.125-129; Enrico Berlinguer, "As teses do IX congresso do Partido Comunista Italiano", n° 2, fevereiro de 1960, pp. 66-75; Luigi Longo, "Pela renovação democrática da Itália e pelo socialismo", n° 4, abril de 1960, pp. 73-79; Luigi Longo, "Importante vitória das forças antifascistas e democráticas na Itália", n° 9, setembro de 1960, pp. 27-31; Alessandro Natta, "Os comunistas da Itália pela reforma democrática da instrução pública", n° 12, dezembro de 1960, pp. 51-58; Partido Comunista Italiano, "A linha política do Partido Comunista Italiano depois das eleições", n° 1, janeiro de 1961, pp. 69-73. P. Occhetto, "Os comunistas e a juventude", n° 11, novembro de 1961, pp.103-108; Giuseppe Caldarola, "No ar a voz dos comunistas", ano VII, n° 4, pp. 37-40. Os artigos supracitados mostram a importância que os que mais escreviam em *Problemas* (internacional) tinham na hierarquia do PCI. Observando os nomes, reconheceremos alguns que ocuparam ou ocupariam a Secretaria Geral do Partido: Togliatti, Longo, Natta e Berlinguer.
- ⁴⁵ Bukharin havia dito que a luta de classes internacional passara por um período de ascensão com a revolução russa (1917) e outro de retrocesso com a derrota do proletariado ocidental no princípio dos anos 20 (derrota das revoluções alemã e húngara e do biênio vermelho italiano, a marcha sobre Roma etc.). Abrir-se-ia um terceiro período. Porém, a IC, sob o domínio de Stálin, interpretou esse terceiro período como o da crise geral do capitalismo e progresso da revolução proletária, impulsionando a política isolacionista de "classe contra classe" e de "alianças só pela base", rejeitando acordos de cúpula com a social-democracia, vista como "social-fascista".
- ⁴⁶ Giuseppe Ceresa, "Gramsci na prisão", em *Problemas*, n° 10, maio de 1948, pp. 123-127.
- ⁴⁷ Palmiro Togliatti, "Antonio Gramsci, chefe da classe operária italiana", em *Problemas*, n° 25, março-abril de 1950, pp. 107-128.
- ⁴⁸ *Ibidem*.
- ⁴⁹ Antonio Candido, *Formação da literatura brasileira* (São Paulo: Martins, 1959).
- ⁵⁰ Sobre a expulsão de Crispim, ver *Voz Operária*, 29 de fevereiro de 1952.
- ⁵¹ J. Aricó, "Geografia de Gramsci na América Latina", cit, p. 31.
- ⁵² João A. Santos, *O princípio da hegemonia em Gramsci* (Lisboa, Vega, 1978), pp. 162-172.
- ⁵³ J. Aricó, *La cola del Diablo. Itinerario de Gramsci en America Latina*, cit., pp. 47-48.
- ⁵⁴ *Revista Brasileira*, n° 8, São Paulo, novembro-dezembro de 1956. O texto não foi assinado, entretanto, considerando-se o papel destacado de Elias Chaves Neto na redação da revista, considera-se a possibilidade dele ser o autor da resenha.
- ⁵⁵ Hector Agosti, "A crise Argentina", em *Revista Brasileira*, n° 42, São Paulo, julho-agosto de 1962.
- ⁵⁶ *Carta de Astrojildo Pereira a Hector Agosti*, Rio de Janeiro, 7 de março de 1963. Microfilme, Cedem, São Paulo, bobina 22, 14 (1) 03.
- ⁵⁷ Elias Chaves Neto, *O sentido dinâmico da democracia* (São Paulo: Ed. Brasiliense, 1982).
- ⁵⁸ Em Caio Prado Jr., *Mundo do socialismo* (2ª ed. São Paulo, 1967), p. 186. Primeira edição: 1962.
- ⁵⁹ *Voz Operária*, 7 de setembro de 1957.
- ⁶⁰ Roma: Editori Riuniti, 1958.
- ⁶¹ Luciano Gruppi, "O legado de Gramsci", em *Problemas*, n° 10, dezembro de 1959, pp.116-119.
- ⁶² *Ibidem*.
- ⁶³ C. N. Coutinho, "Problemática atual da dialética", em *Ângulos*, n° 17, Salvador, dez. de 1961.
- ⁶⁴ Antonio Candido, *Literatura e sociedade* (São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1973), p.11. O texto inserido na coletânea é de 1961.
- ⁶⁵ M. Löwy, "Consciência de classe e partido revolucionário", em *Revista Brasileira*, São Paulo, n° 41, maio-junho de 1962.
- ⁶⁶ Por exemplo, o arquivo pessoal de Astrojildo Pereira contém números de *Rinascita* e *L'Unità* (cf. *Memória & História* n° 1, cit.) pp.150-210.
- ⁶⁷ O. M. Carpeaux, "Última verba", em *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 13 de setembro de 1964.
- ⁶⁸ O. M. Carpeaux, *História da literatura ocidental*, vol. 8 (2ª ed. Rio de Janeiro: Alhambra, 1984), p. 2.241.
- ⁶⁹ Alfredo Bosi, *História concisa da literatura brasileira* (São Paulo, Cultrix, 1970), p. 553.
- ⁷⁰ O. M. Carpeaux, "A vida de Gramsci", em *Revista Civilização Brasileira*, Rio de Janeiro, n° 7, maio de 1966.
- ⁷¹ *Cartas do cárcere*, "Introdução" de Noênio Spínola (Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966); *Concepção dialética da história*, "Introdução" de Carlos Nelson Coutinho e Leandro Konder (Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966); *Literatura e vida nacional* (Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968); *Maquiavel, a política e o Estado moderno* (Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968); *Os intelectuais e a organização da cultura* (Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968).
- ⁷² A noção de *hegemonia do proletariado* aparece desde os anos 30 em documentos do PCB. As resoluções do V Congresso (1960) já associam essa *hegemonia* ao caminho pacífico para a conquista do poder e ao conceito de *revolução ininterrupta*, ou seja, trata-se de uma hegemonia progressiva, em que um mesmo processo social (a revolução burguesa) apresenta sujeitos políticos distintos, dirigindo as diferentes fases da revolução. Essa idéia de *hegemonia do proletariado*, ainda que mediada pela leitura dos comunistas italianos, era de matriz leninista, retirada da teorização acerca do papel dos bolcheviques na revolução democrática russa, exposta por Lênin em 1906. É patente que a hegemonia, entretanto, aparece, nesse contexto, como o termo mais aderente a uma proposta de aliança de classes, ao contrário da idéia de ditadura do proletariado (*Resolução política do V Congresso do Partido Comunista Brasileiro*, 1960).
- ⁷³ *Resolução do Comitê Central. Trabalho de Direção*, novembro de 1973.
- ⁷⁴ Mario Innocentini, *Estado e sociedade: contribuição para o estudo do conceito de hegemonia na obra de Antonio Gramsci* (São Paulo: USP-FFLCH, 1972 – dissertação de mestrado).
- ⁷⁵ Sergio Miceli, *Ideologia, aparelhos de Estado e intelectuais em Gramsci*, mimeografado, 1974.